



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615

A HERANÇA SEM TESTAMENTO EM *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

Vanessa Weber Sebastiany¹

EIXO 5 – EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA: DIREITO À MEMÓRIA E JUSTIÇA SOCIAL

Este trabalho integra a dissertação de mestrado intitulada *Crianças, adultos e bagagens: a herança da educação sem testamento em narrativas de Lygia Bojunga*, realizada sob orientação da professora Ângela Cogo Fronckowiak, na qual estudamos as obras *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *6 vezes Lucas* (1995), *A cama* (1999), *Aula de inglês* (2006) e *Sapato de salto* (2006).

A seleção das obras deve-se à presença, nos enredos, da imagem arquetípica da “bagagem” (imagem constante em toda a produção da autora) em correlação com o elemento “personagem professor”. Com base na leitura e no estudo dessas narrativas, investigamos se as imagens arquetípicas da bagagem se ligam às mudanças que acontecem, ao longo da narrativa, com as personagens que as possuem ou passam a possuí-las, se o espaço da imaginação proposto por essas imagens amplia a percepção da completude humana das personagens e, finalmente, estudamos o posicionamento do adulto em relação à criança no modo como apresenta o mundo a ela, assumindo (ou não) a adultez. Para embasar esta pesquisa bibliográfica, no que se refere a noções referentes à corresponsabilidade entre educação, adultos, crianças e mundo compartilhado, recorreremos à Hannah Arendt, tendo como base a autoridade do adulto mencionada por ela:

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: – Isso é o nosso mundo. (Arendt, 1997, p. 239).

Essa autoridade equivale à responsabilidade que cada adulto assume ao apresentar o mundo ao recém-chegado, o que é feito em linguagem. E o fato de que “a linguagem não é simplesmente um espelho da realidade” (Biesta, 2013, p. 29) corrobora a ideia de educação como intervenção na vida de outra pessoa e de que essa intervenção é atravessada pela experiência de quem intervém, contendo, portanto, marcas da sua leitura de mundo, configurando a herança sem testamento.

Nesse sentido, o elo da imagem arquetípica com o vivido, que Lygia Bojunga transfigurou para as palavras em cada trama, foi explorado através de aspectos ligados à individuação e arquétipos, sob a perspectiva de Carl Gustav Jung. Para ele o arquétipo, mais que mera figura, é uma imagem carregada de emoção, de numinosidade (energia psíquica), que a torna dinâmica, podendo ter varrições nos detalhes, sem perder a configuração original. Esses conceitos foram complementados com base em James Hillman e os aspectos

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

ligados à formação do ser e vocação.

O estudo apresentado aqui refere-se à *Sapato de salto* e traz consigo uma dentre as diversas possibilidades de elaboração do espaço da imaginação, já que a obra permite diversos níveis de leitura. Publicada em 2006, a obra recebeu, no ano seguinte, o *Prêmio Altamente Recomendável para o Jovem* – FNLIJ. O livro narra a história da protagonista Sabrina, uma menina de dez anos de idade, que vai descobrindo, precocemente, o lado sombrio da vida, através da distorção de imagens importantes para ela, ocasionada pelo comportamento de alguns adultos do seu convívio que têm a intenção de exercer o domínio. As várias formas de abandono sofridas por ela acabam conduzindo-a à prostituição.

Os acontecimentos não são apresentados ao leitor de forma linear, mas estrategicamente entrelaçados, com o intuito de intensificar a experiência estética. É possível traçar uma linha do tempo. Dona Gracinha, mãe de Inês e Maristela, sempre exerceu o ofício de lavadeira com muita dedicação, com o objetivo de proporcionar uma boa educação às filhas para que se tornassem professoras. Maristela engravida antes de completar quinze anos. Sem o amparo do pai de Sabrina e não morando mais com a sua mãe, Maristela entrega a filha recém-nascida à Casa do Menor Abandonado e comete suicídio. Anos mais tarde, Matilde, uma mulher sem vínculo familiar com a menina, leva-a desse orfanato para morar na sua casa, não com o propósito de cuidar dela, mas de atribuir-lhe tarefas domésticas e para cuidar dos filhos Marilda e Betinho. A protagonista tem o desejo de poder estudar e vê em Gonçalves, marido de Matilde, um pai e também um professor. Essa imagem paterna se quebra diante do primeiro abuso sexual sofrido pela menina. Após algum tempo, tia Inês a resgata e a leva para morar consigo e com a avó, Dona Gracinha. Lá, ela vivencia uma breve experiência de acolhimento e vida familiar que acaba após o assassinato da tia. O fato leva a personagem a prostituir-se para manter o seu sustento e da avó.

Dentre as imagens arquetípicas de bagagem, destacam-se as de Sabrina, pois revelam a forma como ela é vista por quem convive com ela, através das falas destas personagens ao se referirem a essa bagagem. O tipo de bagagem, o formato, o que tem dentro dela e a forma como é carregada revelam características psicológicas importantes das personagens. Ao chegar na casa de Matilde, a fala da mulher em relação à menina evidencia a pouca relevância que ela dá àquela vida: “É sempre assim: elas chegam sem nada. A gente é que tem que dar tudo.” (Bojunga, 2011, p. 12). E isso é reforçado pela fala de Matilde quando Inês vai buscá-la para morar consigo: “ela não tinha parente nenhum, ela chegou aqui em casa só com a roupa do corpo e uns carecos num embrulho de jornal.” (Bojunga, 2011, p. 32). Para Matilde são “tralhas”, objetos sem importância e descartáveis; para a tia, que não sabe ao certo o que pertence à sobrinha, são “coisas”; Sabrina refere-se à sua própria bagagem como sendo “quase nada”, o que mostra ao leitor que ela está consciente de que poucos aprendizados serão levados na sua bagagem. Os “presentinhos” de seu Gonçalves, antes guardados no colchão, são levados, porém continuam escondidos, dentro da calça, o que mostra o receio em revelar o abuso vivido, chamado de segredo “azul fraquinho”.

Duas bagagens de Inês são mencionadas ao longo da narrativa: a bolsa e a mala. A primeira aparece no momento do resgate da sobrinha e a segunda, no momento passado, quando Inês, ainda bem jovem, vai morar com o namorado que sua mãe (Dona Gracinha) não conhecia. Transparece nas entrelinhas que, embora Inês tivesse pouca idade na época em que deixou a casa da mãe, já tinha uma bagagem que fica subentendida como “conteúdo” de vida dela nos diversos momentos da narrativa, o que amplia a percepção de maturidade dessa personagem.

A bagagem de Dona Gracinha mostra ao leitor que a personagem vive de lembranças e em função de uma eterna tentativa de elaboração psicológica da dor do suicídio da filha Maristela, mãe de Sabrina. O bolso da avó é vazio, nele somente o imaginado: “– T’aqui. – Dona Gracinha tirou **nada** de dentro do bolso e entregou para Sabrina.” (Bojunga, 2011, p. 91 – grifos nossos). A trouxa de roupas sujas acompanha Dona Gracinha desde os tempos em que as filhas eram crianças e sonhavam em serem professoras. Ao retomar os itens do

rol (pedra, os bilhetes e alfinetes), a personagem mescla o passado e o presente, devaneio e realidade, numa tentativa de lavar as lembranças da forma como lavava as roupas dos fregueses no passado: “é trouxa e mais trouxa de tudo emporcalhado, pra devolver tudo limpinho e cheiroso.” (Bojunga, 2011, p. 100). A morte da filha aparece como insuperável para a personagem, ao referir-se à pedra que Maristela amarrara ao corpo para afogar-se: “– Ela me deu muito trabalho para engomar e passar. Tava de um jeito horrível, cheia de limo e de sujeira. Porque ela é assim, olha, ela é bruta, raspa a mão da gente, não é lisinha, não, tudo que é sujeira vai se entranhando.” (Bojunga, 2011, p. 92). Jung (1964) explica que uma pessoa neurótica, embora pareça que esteja praticando ações de modo intencional e consciente, quando questionada, demonstrará que não tem consciência das ações praticadas ou que pensa em outras coisas quando pratica tais ações.

O sapato de salto que dá nome à obra é também bagagem e tem papel central, pois serve de cofre para guardar o dinheiro e é uma tentativa de proteger-se, conforme nos revelam as falas de Sabrina: “Quando saio eu boto o sapato da tia Inês pra não parecer que eu ainda vou fazer onze anos” (Bojunga, 2011, p. 174) e “dizia que era melhor que sandália porque firmava bem o pé” (Bojunga, 2011, p. 216-217). Segundo Hillman (2001), o mito platônico da descida diz que os pés são os últimos a chegar e os primeiros a partir. Assim, segundo essa hipótese, Sabrina usa o sapato de salto para distanciar-se da superfície e da percepção terrena nos momentos de prostituição. O sapato ocupa o lugar de bolsa.

Outra bagagem que chama a atenção é a de Paloma, mãe de Andrea Doria. A personagem tem uma bolsa na qual leva dinheiro “para comida e outras coisas importantes”, também leva as roupas e louças limpas para Sabrina e sua avó, o que a aproxima, simbolicamente, da trouxa de roupas de Dona Gracinha. A bolsa de Paloma é uma bolsa de mãe.

A bolsa de viagem de Leonardo, irmão de Paloma, revela que ele viaja seguidamente, o que faz pressupor que ele conheça diversas realidades e culturas. Sempre disposto ao diálogo, suas atitudes condizem com a imagem que sua bagagem leva a formar.

Dessa forma, ao estudarmos a relação das imagens arquetípicas da bagagem com as personagens, tem-se a impressão de que o enredo gira em torno dessas imagens, pois elas predizem características que complexificam e humanizam as personagens que as levam consigo e que dentro delas colocam o que é essencial.

Por simbolizarem movimento e viagem, as bagagens sugerem que as personagens tenham caminhos a serem escolhidos e percorridos. O caminho, assim como a vida em si, vai formando o ser que vai refazendo a sua bagagem, renovando suas perspectivas e possibilidades, ora agregando, ora rejeitando crenças, num movimento contínuo que o conduzirá a redefinir seus caminhos.

Embora não tenha sido encontrado no Dicionário de símbolos (Chevalier, Gheerbrant, 1999) o significado de “bagagem” ou “mala”, o termo que mais se assemelha é “caixa” e os autores a definem como símbolo feminino e uma representação do inconsciente, por poder conter segredos protegidos ou sufocados. Os autores pontuam que uma caixa, seja ela bem ornamentada ou não, só terá seu valor revelado quando for aberta.

O fato de Sabrina ter um livro entre seus pertences traz aos olhos do leitor a sua vontade de aprender e a valorização da educação por parte da protagonista, denunciando, através da literatura, o fato de a menina ter tido negada a possibilidade de frequentar a escola, rememorando a época que antecedeu a Constituição de 1988, a partir da qual a educação no Brasil passa a ser direito de todos e dever do Estado e da família.

PALAVRAS-CHAVE: Bagagem. Educação. Imagem arquetípica.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: Educação democrática para um futuro humano. Tradução Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BOJUNGA, Lygia. **Sapato de salto**. Ilustrações Rubem Grilo. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.
- CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- HILLMAN, James. **O código do ser**: uma busca do caráter e da vocação pessoal. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Tradução Versus Editora. Campinas, SP: Verus, 2010.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. Tradução Maria Lúcia Pinho. 6. ed. edição. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1964.
- _____. **O Livro Vermelho**. Tradução Edgar Orth; Gentil A. Tifton; Gustavo Barcellos; Revisão da tradução: Walter Boechat. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 107-156
- SEBASTIANY, Vanessa Weber. **Crianças, adultos e bagagens**: a herança da educação sem testamento em narrativas de Lygia Bojunga. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2023. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11624/3622>>